



Fotografia: Daniel Cunha
Folhagens e Cidade: Freepik

Huka-huka e Derruba o Toco: lutas indígenas nas aulas de Educação Física

Everton Arruda Irias

Professor de Ensino Fundamental II e Médio – Educação Física
EMEF Raimundo Correia – DRE São Miguel



RESUMO

O trabalho consiste num relato de experiência acerca da tematização de duas lutas praticadas por diferentes etnias indígenas, nas aulas de Educação Física. Os procedimentos didáticos adotados ao longo da tematização buscaram colocar em ação uma Educação Física culturalmente orientada a fim de garantir o contato dos estudantes com a história e cultura dos povos indígenas. Foi possível verificar que, a despeito de iniciarmos, eu e estudantes, a atividade sem ter muito conhecimento sobre a história e cultura dos povos indígenas que vivem no Brasil, a atividade teve resultados positivos considerando o conhecimento adquirido ao final da atividade.

Palavras-chave: lutas indígenas; currículo cultural; cultura indígena.

O trabalho aqui apresentado se constitui em um relato de prática, realizado nas aulas de Educação Física, no segundo semestre de 2017, na EMEF Raimundo Correia, escola da DRE São Miguel, zona leste de São Paulo. A proposta envolveu estudantes das turmas de 2º e 5ºs anos do Ensino Fundamental I. Nessa época eu atuava como professor de módulo, ou seja, não era regente de turmas e ministrava aulas na ausência dos professores regentes ou quando era necessário parceria para realizar uma proposta de trabalho de professores regentes.

A definição do tema de estudo e proposta aqui apresentadas foram intituladas de *Lutas Indígenas* e nasceu do diálogo com os(as) estudantes e da importância em equilibrar as práticas corporais, que são objeto de estudo das aulas ministradas ao longo do percurso escolar, a outros saberes, dentre os quais, a articulação entre o currículo escolar e saberes oriundos de grupos sociais muitas vezes negligenciados e silenciados.

As ações didáticas descritas ao longo do relato buscaram ancoragem nos pressupostos teóricos do Currículo Cultural¹ de Educação Física, que por sua vez encontra inspiração nas teorias pós-críticas do currículo (pós-estruturalismo, pós-colonialismo, estudos culturais, multiculturalismo crítico e pós-modernismo). Denomina-se de Currículo Cultural a perspectiva curricular de Educação Física que “considera a experiência escolar como um campo aberto ao debate, ao encontro de culturas e à confluência de práticas corporais pertencentes aos vários setores sociais (NEIRA, 2018, p. 9). Sob influência dessas bases teóricas, as práticas corporais passaram a ser entendidas como textos, produzidas por meio da

linguagem e atravessadas por práticas de significação acerca dos diferentes esportes, lutas, danças, ginásticas e brincadeiras, assim como os seus (e as suas) praticantes.

Em síntese, essa proposta busca a formação de um sujeito solidário, logo, a favor das diferenças. A seleção dos temas culturais² abordados e a organização de situações didáticas dão-se sob influência de princípios ético-políticos: reconhecimento da cultura da comunidade, favorecimento da enunciação dos saberes discentes, descolonização do currículo, justiça curricular, rejeição ao daltonismo cultural e ancoragem social dos conhecimentos (NEIRA, 2020, p. 186).

O que une professores e professoras que tentam colocar em ação um currículo culturalmente orientado “é o compromisso com a democratização das relações vivenciadas com as práticas corporais e os conhecimentos que a circundam, a valorização das diferenças, e a problematização do modo como são produzidas no meio social” (NEIRA, 2019, p. 16).

Um trabalho fundamentado nos pressupostos teóricos do currículo cultural busca compreender a prática corporal enquanto texto, passível de leitura, interpretação e reelaboração. As diferentes ações didáticas propostas nas atividades alinham-se às problematizações geradas por meio do diálogo, da prática, da análise de imagens e vídeos, produzem a tematização da prática corporal estudada. “Tematizar não é ensinar. Tematizar consiste em organizar e desenvolver várias situações didáticas de maneira a propiciar uma compreensão mais ampla, profunda e qualificada da ocorrência de determinada prática social” (NEIRA, 2020, p. 191).

1 Também chamado de pós-crítico ou, simplesmente, pós-curículo (CORAZZA, 2010 *apud* NEIRA, 2020, p. 185). Surge a partir dos questionamentos propostos pela teorias pós-críticas sobre a noção de currículo. A cultura passa a ser compreendida como um campo de disputa pela validação dos significados, e o conhecimento é entendido como construção social à mercê de relações de poder (NEIRA, 2020, p.185).

2 Reterritorialização da noção de tema gerador de Paulo Freire (CORAZZA, 1997 *apud* NEIRA, 2020, p. 185)

Sendo assim, a tematização das *Lutas Indígenas* inicia-se na retomada das aulas após o recesso de julho do ano em questão. Estabelecemos uma conversa com os(as) estudantes buscando relembrar as manifestações corporais estudadas até o dado momento. Vale considerar aqui que já era meu sétimo ano na escola e eu já havia ministrado aulas para todas as turmas do período nos anos anteriores, e também saliento a proximidade com o professor de Educação Física regente das turmas do período, que compartilhava as ações didáticas e as tematizações com cada turma, em momentos de reuniões. Enfim, diante de tudo isso, e do diálogo estabelecido com os(as) estudantes, percebemos que as lutas foram temas que pouco havíamos estudado ao longo da trajetória escolar das turmas envolvidas.

Diante disso, numa aula posterior, fizemos o levantamento das lutas estudadas pelos(as) estudantes de ambas as turmas até aquele momento, assim como das lutas acessadas fora do ambiente escolar. As respostas obtidas foram categorizadas, coletivamente, de acordo com o tipo de ação motora: lutas de desequilíbrio, lutas de contusão (ou de acertar, como denominamos), e lutas de imobilização. Feita a categorização, pudemos observar que, em algumas turmas, as lutas estudadas se encaixavam nas categorias de imobilização e contusão e que, ainda não haviam estudado uma luta de desequilíbrio, já em outras turmas, as lutas de desequilíbrio pouco apareciam dentro do universo experiencial das crianças. Com isso, na aula seguinte, seis imagens foram mostradas para os(as) estudantes. As imagens apresentavam a ocorrência social de diferentes lutas de desequilíbrio: Judô, Luta Marajoara, Luta Greco-romana, Sumô,

Huka-Huka, Laamb, para que os(as) estudantes pudessem expor suas representações e suas significações acerca daquilo que observavam. Eles e elas apresentaram muitas falas relacionadas ao sumô, assim como algumas dúvidas, isso pelo fato de terem observado a luta na novela *Carrossel*³. Entretanto, ao observarem os povos indígenas realizando uma luta, mais especificamente praticando o Huka-Huka, expressaram alguns comentários: “de onde são estes índios?”, “índios lutam para ficar forte para depois caçar”, “índios existem?”, “por que usam estas roupas?”, “por que estão pintados?” Os comentários acabaram por despertar minha atenção. Vale salientar que as crianças não tinham ideia do objetivo dessa luta indígena, nem mesmo da forma de organização dos lutadores para a prática, se compararmos com os conhecimentos que possuíam em relação ao sumô. No entanto, os comentários proferidos por eles e o fato de conhecerem e reconhecerem com maior amplitude uma luta originada em outro continente, em detrimento de uma luta brasileira, trouxe à tona a importância de tematizarmos o Huka-Huka. Aliás, esse meu último questionamento foi o conteúdo das discussões realizadas com as crianças das turmas, após a leitura das imagens.

Para iniciar a discussão sobre a luta indígena Huka-Huka, que é realizada pelos indígenas da etnia Kamaiurá, os quais habitam o Território Indígena do Xingu⁴, juntamente com 16 outros povos, entre os quais os Yalawapiti, assistimos e realizamos a análise de dois vídeos⁵ mostrando uma ocorrência social da mesma. O primeiro deles, com menos de 3min30s, intitulado *Xingu-Huka-Huka*, apresentava brevemente a preparação para a luta. O segundo *Luta*

3 Transmitida no SBT.

4 Antes e ainda pelo costume chamado de Parque Nacional Indígena do Xingu.

5 “Xingu – Huka huka”. Programa Box Cultural. Youtube, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gahPr4tUrHs>. “Luta tradicional Huka Huka na Aldeia Multiétnica”. Encontro de Culturas. Youtube, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wONaFbDeOOo>

Tradicional Huka-Huka na Aldeia Multiétnica, com 1min30s, mostrava lutadores em ação. Em seguida, de forma coletiva, lemos um texto⁶, que explicava algumas das características da luta: objetivo, contexto de prática, organização da luta, alguns rituais, etc. Essas atividades desencadearam novas perguntas e comentários por parte dos(as) estudantes: “Por que se chama Huka-huka?”; “Por que eles se pintam?”; “Mulher também luta?”; “Índios comem o que?”; “Eles não comem as mesmas coisas que os seres humanos né?”; “Eles não se machucam na luta?”; “Por que eles andam pelados?” (aliás, observar indígenas com pouca vestimenta nos vídeos causou burburinhos e risadas entre as crianças), entre outras falas. Alguns comentários foram problematizados no momento, a fim de desestabilizar algumas representações, mesmo considerando o meu restrito conhecimento acerca do conteúdo da história e cultura indígena, e outros foram registrados, pensando em ações futuras.

Mediante a análise dos vídeos e leitura do texto, organizamos, também coletivamente, a forma como realizaríamos a vivência da luta. Pensando nas características do ambiente, do grupo e nos materiais presentes na escola, os(as) estudantes sugeriram a utilização de tatames, tendo em vista que a luta, socialmente, ocorre em um chão de terra batida. A luta foi praticada durante algumas aulas e, ao longo destas, conversávamos sobre as impressões e as sensações advindas das vivências, e propúnhamos modificações na estrutura da luta, de acordo com os problemas e as situações levantadas, como, por exemplo, o aumento da quantidade de tatames, tendo em vista as quedas que ocorriam fora deles. Além disso, buscando novos textos e vídeos que explicassem com mais objetividade a organização da luta, percebemos divergên-

cias de informações e novas regras foram adotadas: inicialmente pensávamos que era necessário derrubar o adversário de costas no chão, depois descobrimos que qualquer queda era válida. A princípio, os(as) estudantes se separavam durante o combate e depois recomeçavam o mesmo. Entretanto, descobrimos que toda separação na luta resultava em empate. Diante desses novos conteúdos acessados, a prática sofria modificações e ressignificações.

Em algumas turmas, fizemos a leitura do livro infantil *Kaba Darebu*, escrito pelo autor indígena Daniel Munduruku. O livro descreve várias características do povo indígena a partir dos olhos de um menino indígena chamado Kaba Darebu, personagem principal do livro. As características de uma aldeia, os principais alimentos do povo Munduruku, as brincadeiras praticadas, as explicações das pinturas corporais, o motivo para alguns povos indígenas andarem nus e também o motivo para deixarem de andar nus foram alguns dos conteúdos expressos no livro. Todavia, conversamos sobre as diferenças culturais e sociais que podem existir entre as diferentes aldeias indígenas presentes no Brasil e que, tais características descritas no livro, não poderiam explicar os povos indígenas como um todo, tendo em vista as particularidades culturais de cada povo.

Buscando aprofundar e ampliar os conhecimentos, fizemos a leitura de uma reportagem⁷, em que dois jornalistas foram enviados ao Xingu, para acompanhar o Kuarup, ritual de homenagem aos mortos, e a realização do Huka-Huka. Dada a condição dos jornalistas, imersos por algum tempo naquele grupo e espaço cultural, o texto trazia mais detalhes sobre a ocorrência da luta e sobre toda a organização que antecedia esta manifestação corporal.

6 “Huka-huka”. Felipe Araújo. Infoescola: navegando e aprendendo. Disponível em: <https://www.infoescola.com/artes-marciais/huka-huka/>

7 “Huka-huka levanta a poeira na aldeia”. Folha de São Paulo. Disponível em: <http://temas.folha.uol.com.br/viagem-ao-xingu/luta/huka-huka-levanta-poeira-na-aldeia.shtml>

Conteúdos como: a preparação do lutador durante a madrugada; a escolha dos lutadores; a estrutura dos combates; duração da luta; sensações dos lutadores durante e após o combate, apareceram no texto. No entanto, ao lermos e dialogarmos sobre a preparação do lutador de Huka-Huka nos meses que antecediam a luta, certo grau de estranhamento foi nitidamente percebido no rosto de alguns e algumas estudantes. O processo de preparação descrito envolvia cortes no corpo com dentes afiados de peixe-cachorra, uso de ardidos unguentos nas feridas e chás para harmonização espiritual. A mutilação do corpo chamou a atenção e apareceram questionamentos e comentários como: “Para que fazer tudo isso?”; “Acho que não precisa se machucar apenas para virar um lutador”. Perante essas reações e opiniões, numa aula posterior fizemos a observação de algumas imagens mostrando “técnicas” de mutilação ou automutilação que ocorre em treinamentos de outras lutas, mais acessadas pelos(as) estudantes, tais como a chamada “orelha de couve-flor” dos(as) lutadores(as) de Jiu-Jitsu; o “calejamento” nas pernas e abdomens de lutadores(as) de muay thai; a retirada do osso do nariz de lutadores(as) de boxe.

A análise das imagens permitiu fomentar o diálogo sobre esta

ação, que para algumas modalidades é corriqueira, da automutilação. Foi uma forma de demonstrar que tal fato não se restringia apenas ao ritual de uma etnia indígena.

Vale salientar que, em meio a todo esse processo de aprofundamento e ampliação dos saberes, as vivências da luta Huka-Huka continuavam ocorrendo, assim como as modificações propostas pelas turmas.

Dialogamos também sobre a participação feminina na luta e fizemos a análise de um outro vídeo⁸ que apresentava a ocorrência social de uma luta feminina. O vídeo retratava apenas a luta ocorrendo entre mulheres indígenas, sem revelar outras informações a respeito desta participação feminina. Por isso, realizamos novas pesquisas e concluímos que o Huka-Huka não contava com uma grande participação feminina, restringindo-se a prática feminina apenas a algumas aldeias.

A partir da análise de imagens e de um texto que li para conhecer um pouco mais sobre o Kuarup⁹, dialogamos sobre esse ritual, levantando algumas das características desse ritual indígena que ocorre na região do Xingu: a preparação da cerimônia, as fa-



8 “Amazon Tribes: Xingu huka-huka festival Brazil 2015/Yamurikuma”. Patricia Figueroa. Youtube, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2rg1PYNft2E>

9 Texto que está no site da Funai – Fundação Nacional do Índio.

mílias responsáveis pela organização, os significados dos troncos e seus ornamentos, e a finalização da cerimônia com o lançamento dos troncos na água.

Para finalizar o trabalho elaboramos, coletivamente, uma rubrica de autoavaliação, a fim de refletirmos sobre as ações e os conteúdos envolvidos no processo de estudo do Huka-Huka. Considerando que já nos encaminhávamos para o último bimestre do ano letivo e que ainda permaneciam várias dúvidas dos(as) estudantes com relação à cultura indígena, resolvemos continuar tematizando uma luta indígena. Escolhemos para dar continuidade ao trabalho o “Derruba o Toco”, praticada por membros da etnia Pataxó.

Para essa parte da atividade, notamos que havia escassez de materiais que pudessem nos ajudar compreender aspectos relacionados à prática de luta. Na pesquisa realizada, encontramos apenas um vídeo¹⁰, intitulado *Derruba o Toco: Luta Tradicional do Casamento Tradicional Indígena Pataxó*, que foi exibido em aula a fim de identificarmos algumas das características da luta. Além disso, fizemos a leitura de um breve texto¹¹ sobre lutas indígenas, que encontrei no Portal do MEC, que descrevia algumas das características da manifestação corporal dessa prática. A título de informação, “Derruba o Toco” é uma luta que ocorre após a cerimônia de casamento Pataxó, em que o noivo é desafiado pelos três melhores guerreiros da aldeia, selecionados pela liderança espiritual do grupo, que costumamos nomear como pajé.

Compreendida a estrutura e as regras da luta e reorganizada, para a nossa atividade, a forma de ocorrência da mesma (exemplo: o toco de madeira foi substituído por uma bola, a fim de nos precavermos de qualquer acidente), propusemos a prática da luta durante algumas aulas. Os problemas e as impressões oriundos da prática levaram-nos a conversas e às ressignificações na forma e estrutura da luta, visando às futuras vivências. Devido à longa duração das lutas, foi sugerida a definição de um tempo de duração delas.

Intercalada às vivências da luta fizemos a leitura de outro texto¹², que explicava a cerimônia de casamento na etnia Pataxó até o momento em que a luta acontece. Duas inquietações surgiram nas turmas. A primeira delas era sobre o que ocorreria caso o noivo perdesse a luta. Infelizmente, as pesquisas que fizemos por meio dos textos e vídeos que encontramos sobre o tema não me permitiram encontrar uma resposta para esta pergunta. A segunda inquietação dizia respeito ao tipo de relacionamento afetivo entre indígenas: após lermos no texto que o noivo deveria carregar uma pedra com peso equivalente ao peso da noiva, um dos estudantes indagou: “Mas e se ele casar com outro noivo?”. No momento respondi que não sabia se existiam casamentos homoafetivos entre indígenas. Após me debruçar em algumas pesquisas e conversar com outras pessoas que estudam o assunto acessei conteúdos que, ao certo, não explicavam uma totalidade, mas que davam a entender que relações homoafetivas eram comuns também entre alguns povos indígenas (ou todos). No entanto, nenhum dado foi encontrado que confirmasse

10 “Derruba o toco – Luta tradicional do casamento indígena Pataxó Carmésia 2015”. Mari Ultramaratonista Ultra. Youtube, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=syEJ4iCbZ50>

11 “Lutas Indígenas”. Luciano Silveira Coelho. Portal do Professor, 2010. Disponível em: <http://portaldo-professor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=22413>

12 “Um ritual que celebra a chegada das chuvas e clama pela preservação da natureza. Aline Frazão. Jornalistas Livres, 2015. Disponível em: <https://medium.com/jornalistas-livres/um-ritual-que-celebra-a-chegada-das-chuvas-e-clama-pela-preserva%C3%A7%C3%A3o-da-natureza-7323adeb8136>

ou negasse a existência de casamentos indígenas homoafetivos e esta foi a resposta para os(as) estudantes.

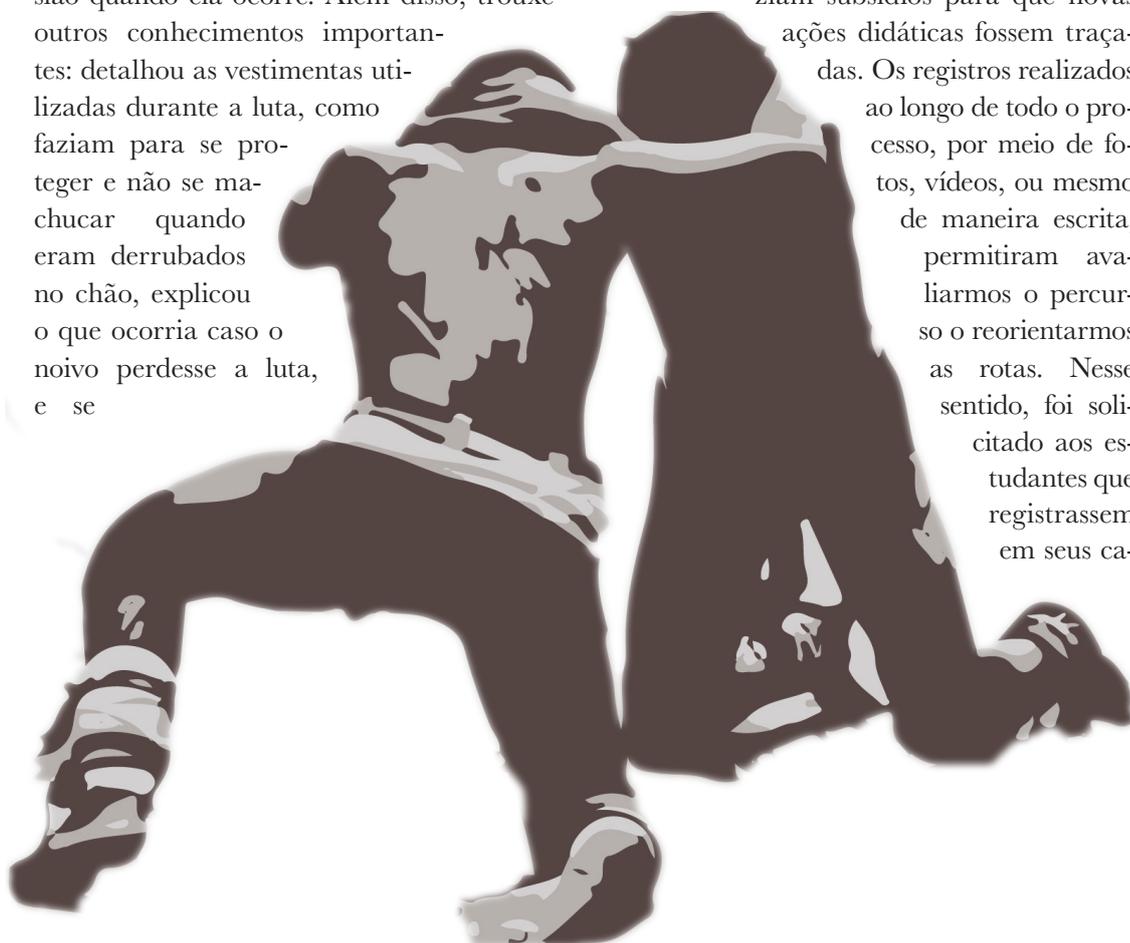
Como resultado das pesquisas, elaboramos um pequeno quadro comparando as lutas estudadas: etnia que praticava, momento em que ocorria e local de prática.

Já encerrando o ano letivo, uma surpresa bastante agradável permitiu ampliarmos um pouco mais nossos olhares. Visitando o evento intitulado *Revelando São Paulo*, promovido pelo Governo do Estado, e que traz à cidade alguns e algumas representantes de parte do patrimônio cultural de diferentes cidades do interior de São Paulo, assim como de outras etnias, acabei por ter a sorte de me deparar com um indígena da etnia Pataxó. Aproveitando o momento e a disponibilidade dele, que se chama Raion Pataxó, consegui entrevistá-lo, a fim de esclarecer algumas dúvidas sobre a luta estudada. Raion confirmou muitas das informações que havíamos acessado em relação ao “Derruba o Toco”, como as regras da luta, a ocasião quando ela ocorre. Além disso, trouxe outros conhecimentos importantes: detalhou as vestimentas utilizadas durante a luta, como faziam para se proteger e não se machucar quando eram derrubados no chão, explicou o que ocorria caso o noivo perdesse a luta, e se

na sua aldeia havia casamentos homoafetivos. A imprevisibilidade da entrevista fez com que eu me esquecesse de perguntas importantes que com certeza nos trariam ótimas informações como, a participação feminina nesta luta.

A entrevista foi gravada e o vídeo foi mostrado para algumas turmas, já que não foi possível adentrar em todas as turmas que estavam na tematização da luta antes de findar o ano letivo. A observação do vídeo não gerou muitos comentários por parte dos(as) estudantes. O que chamou bastante a atenção foi uma explicação de Raion sobre o “Derruba do Toco”, no qual ele disse que para se protegerem e não se machucarem ao serem derrubados no chão, os lutadores passavam barro no corpo. Não imaginávamos (estudantes e eu) que tal ação poderia diminuir os machucados.

Todo o trabalho foi planejado, aula a aula, a partir das considerações, comentários e acontecimentos da prática, que traziam subsídios para que novas ações didáticas fossem traçadas. Os registros realizados ao longo de todo o processo, por meio de fotos, vídeos, ou mesmo de maneira escrita, permitiram avaliarmos o percurso e reorientarmos as rotas. Nesse sentido, foi solicitado aos estudantes que registrassem em seus ca-



denos o que aprenderam no projeto *Lutas Indígenas*. O registro foi compreendido como um procedimento didático que visa reorganizar o planejamento docente, a fim de dialogar sobre as representações e significações dos estudantes acerca da prática corporal estudada e de seus praticantes, buscando desestabilizar e desconstruir representações hegemônicas. Dessa maneira, acredito que tanto para mim quanto para os estudantes que compuseram esse percurso,

o olhar sobre os povos indígenas se modificou. Percebemos, por exemplo, que cada etnia possui seus próprios costumes e práticas culturais e que, por isso, generalizações que buscam trazer uma única noção sobre grupos indígenas se tornaram incabíveis. Além disso, compreendemos que os conhecimentos oriundos de etnias indígenas são tão valiosos quanto tantos outros e que podem, e devem compor, o currículo escolar.

Referências Bibliográficas

CORAZZA, S. M. Diferença pura de um pós-curriculo. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (org.). **Currículo: debates contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 103-114.

CORAZZA, S. M. Planejamento de ensino como estratégia de política cultural. In: MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. **Currículo: questões atuais**. Campinas: Papirus, 1997. p. 103-143.

NEIRA, M. G. **Educação Física Cultural: inspiração e prática pedagógica**. Jundiaí, SP: Paco, 2019.

NEIRA, M. G. O currículo cultural e afirmação das diferenças. In: BOTO, C.; OLIVEIRA, Z. V.; SANTOS, V. M.; SILVA, V. B. (org.) **A escola pública em crise: inflexões, apagamentos e desafios**. São Paulo: FEUSP, 2020.

NEIRA, M. G. O currículo cultural da Educação Física: pressupostos, princípios e orientações didáticas. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 4, jan./mar. 2018.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da cidade: Ensino Fundamental: componente curricular: Educação Física**. 2. ed. São Paulo: SME/COPED, 2019.

Sites

Folha de São Paulo. **Huka-huka levanta a poeira na aldeia**.

Disponível em: <http://temas.folha.uol.com.br/viagem-ao-xingu/luta/huka-huka-levanta-poeira-na-aldeia.shtml>. Acesso em: 18 out. 2017.

Funai – Fundação Nacional do Índio. **Kuarup - o ritual fúnebre que expressa a riqueza cultural do Xingu**. <http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/4990-kuarup-o-ritual-funebre-que-expressa-a-riqueza-cultural-do-xingu> Acesso em: 30 out. 2017.

Infoescola - **Huka-Huka**.

Disponível em: <https://www.infoescola.com/artes-marciais/huka-huka/> Acesso em: 30 out. 2017.

Jornalistas Livres - **Um ritual que celebra a chegada das chuvas e clama pela preservação da natureza.**

Disponível em: <https://medium.com/jornalistas-livres/um-ritual-que-celebra-a-chegada-das-chuvas-e-clama-pela-preserva%C3%A7%C3%A3o-da-natureza-7323adeb8136> Acesso em: 06 nov. 2017.

Portal do Professor. **Lutas Indígenas.**

Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=22413> Acesso em: 04 out. 2017.

Youtube. Amazon Tribes. **Xingu huka-huka festival Brazil 2015/Yamurikuma.**

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2rg1PYNft2E> Acesso em: 03 ago. 2017.

Youtube. **Derruba o toco – Luta tradicional do casamento indígena Pataxó.** Carmésia, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=syEJ4iCbZ50> Acesso em: 03 ago. 2017.

Youtube. **Luta tradicional Huka Huka na Aldeia Multiétnica.**

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wONaFbDeOOo> Acesso em: 03 ago. 2017.

Youtube. **Xingu – Huka huka.**

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gahPr4tUrHs> Acesso em: 03 ago. 2017.